

## **8. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados obtidos durante a pesquisa de campo realizado por meio do “Instrumento da coleta de dados”, entrevista qualitativa, aparecem aqui em forma de “quadros” com as respectivas temáticas, categorias e suas subcategorias criadas a partir do conteúdo das entrevistas. Ao discutir as subcategorias relativas a cada categoria relacionadas aos quatro temas propostos para estudo e discussão, será citado algum fragmento das entrevistas para que haja uma melhor compreensão dos resultados aqui apontados.

O processo de categorização se iniciou primeiramente com a construção de temáticas percebidas a partir da leitura e análise do conteúdo das entrevistas.

Os entrevistados terão garantido ao longo da exposição dos exemplos das suas falas o sigilo da sua identidade. Para isso será utilizado o código “E” seguido de um número.

### **8.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa**

O projeto “Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte” contou até o seu final com dez adolescentes do sexo masculino mais cinco do sexo feminino finalizando assim em um total de quinze participantes. Para participarem desta pesquisa procurei entrevistar seis do sexo masculino mais três do sexo feminino. Das três adolescentes nenhuma foi encontrada sendo que uma mudou da favela e as outras duas não foram localizadas em seus endereços. No final contei apenas com os seis adolescentes.

**Quadro 1: Caracterização dos sujeitos da pesquisa**

<b>Entrevistados</b>	<b>E<sub>1</sub></b>	<b>E<sub>2</sub></b>	<b>E<sub>3</sub></b>	<b>E<sub>4</sub></b>	<b>E<sub>5</sub></b>	<b>E<sub>6</sub></b>
<b>Sexo</b>	M	M	M	M	M	M
<b>Origem</b>	Ipiranga/SP	Salitre/Ce	Salitre/CE	Vila Prudente	Campos Sales/CE	Vila Prudente
<b>Escolaridade</b>	Ens.Médio	Ens. Sup. Concluindo	Ens. Sup. Concluindo	Ens. Médio	Ens.Médio	Ens.Médio
<b>Tempo morando na favela</b>	17 anos	10 anos	3 anos	18 anos	18 anos	19 anos
<b>Entrada no CCVP</b>	1997	1997	2002	1997	1997	1994
<b>Tempo que frequenta o CCVP</b>	10 anos	10 anos	2 anos e 8 meses	10 anos	9 anos	8 anos

No quadro 1: **Caracterização dos sujeitos da pesquisa**, verificou que três dos entrevistados nasceram no Estado do Ceará sendo que um deles, depois de terminar o projeto Campus das Artes, retornou para sua cidade de origem montando um ateliê de artes e entrando na faculdade de biologia. Outros três nasceram em São Paulo na região onde está localizada a favela. O grau de escolaridade apontou dois concluindo o ensino superior e quatro com o ensino médio. O tempo em que moram na favela, para quatro, é um tempo considerável entre dezessete a dezenove anos. Um vive na favela há dez anos e outro viveu por dois anos e oito meses. A maioria frequenta o CCVP há mais de oito anos e um teve uma presença por quase três anos. Quatro entraram no mesmo ano no Centro Cultural Vila Prudente; um entrou para o CCVP depois de quatro anos da sua criação e um em 2002. A presença de grande parte de jovens do sexo masculino no projeto revelou-me que as jovens na maioria das vezes são conduzidas para o tráfico dentro da favela ou tornam-se mães solteiras. Descobri que uma das jovens aqui procurada para a entrevista engravidou logo depois do fim do projeto e mudou-se da favela. Uma outra que também não foi encontrada convive com o pai usuário de droga e presta serviços em uma cooperativa de árvores de natal.

## **8.2 Análise dos temas, categorias e subcategorias das entrevistas**

### **Constituição dos temas**

A partir da leitura flutuante do material colhido nas entrevistas, procedeu a qualificação dos dados com a criação de quatro temáticas:

- A - Relevância do CCVP na vida dos adolescentes;
- B - O Campus das Artes agrega valores aos adolescentes;
- C - Envolvimento dos arte-educadores com os adolescentes;
- D - O Campus das Artes agrega valores à comunidade.

**Quadro 2: Temas e Categorias**

<b>Categorização</b>	<b>Número de entrevistados que fizeram referência às categorias</b>
<b>A - Relevância do CCVP na vida dos adolescentes</b>	
Sensibilização com a vida	(6)
Formação da consciência crítica	(5)
Sujeitos da transformação social	(5)
<b>B – O Campus das Artes agrega valores aos adolescentes</b>	
Domínio de novas competências	(6)
Compreensão da arte como exercício da cultura	(3)
Conscientização política da favela	(6)
Construção da auto-estima	(6)
<b>C – Envolvimento dos arte-educadores com os adolescentes</b>	
Promoção da cidadania dos adolescentes	(6)
Diálogo com os adolescentes	(4)
<b>D – O Campus das Artes agrega valores à comunidade</b>	
Envolvimento da comunidade com o documentário	(5)
Discussão da estética da favela	(3)

O Tema **A: Relevância do CCVP na vida dos adolescentes** derivou-se da abordagem na entrevista sobre a relação do Centro Cultural Vila Prudente na vida dos adolescentes entrevistados e com a comunidade.

O Tema **B: O Campus das Artes agrega valores aos adolescentes** derivou-se das referências que os entrevistados fizeram ao longo das entrevistas em relação ao projeto com suas vidas.

O Tema **C: Envolvimento dos arte-educadores com os adolescentes** originou-se da importância em avaliar a comunicação e o relacionamento dos arte-educadores com os adolescentes ao longo do projeto.

O Tema **D: O Campus das Artes agrega valores à comunidade** buscou descobrir o envolvimento da comunidade com o Projeto Campus das Artes e possíveis mudanças ocorridas.

**Quadro 3: Subcategorias da categoria: Sensibilização para com a vida**

<b>Categoria/Subcategorias</b>	<b>Nº de entrevistados que fizeram referência</b>
<b>Sensibilização com a vida</b>	(6)
Tira as crianças da rua	(3)
Desperta a sensibilidade na arte	(4)
Melhora no comportamento	(3)

O despertar sobre a sensibilização com a vida foi mencionado em momentos da entrevista como a necessidade de **tirar as crianças da rua** (áreas de risco dentro da favela), como os locais onde estão presentes o tráfico e a violência. Tal relato pode ser percebido na fala do entrevistado E<sub>1</sub>:

“O Centro Cultural Vila Prudente é um projeto que tira as crianças das ruas. [...] Nas ruas o que a criança vê?”.

A subcategoria **Desperta a sensibilidade na arte** apareceu em vários momentos das falas dos entrevistados, como no caso dos entrevistados E<sub>2</sub> e E<sub>3</sub>:

“As vezes a criança que vai lá começa a ver a vida diferente; digamos um novo horizonte. [...] é uma criança mais sensível. O Centro Cultural Vila Prudente sensibiliza a criança a uma vida mais digna. É isso.”.

“[...] No Centro Cultural Vila Prudente aprendi a expressar meus sentimentos jogando para a tela ou em outro trabalho qualquer.”.

Na última subcategoria aparece a **Melhora no comportamento** mencionado por três adolescentes e que aqui exemplificamos com o depoimento do entrevistado E<sub>3</sub>:

“Os que já participaram do centro cultural e vivem lá, mesmo não estando ligados ao centro cultural, são pessoas diferentes. Eu analiso isso quando vejo meus colegas do centro cultural. Meu, o comportamento é totalmente diferente. É como se eles não

fizessem parte daquela comunidade. O Centro Cultural Vila Prudente conseguiu diferenciá-los”.

#### Quadro 4: Subcategorias da categoria: Formação da consciência crítica

<b>Categoria/Subcategorias</b>	<b>Nº de entrevistados que fizeram referência</b>
<b>Formação da consciência crítica</b>	(5)
Reflexão da vida	(5)
Conhecimento crítico	(3)

A formação da consciência crítica esteve presente em duas subcategorias: na **Reflexão da vida** e no **conhecimento crítico**. Na primeira vários momentos os entrevistados falam sobre a vida deles na favela a partir de uma reflexão mais política sobre a vida. É como aparece na fala do entrevistado E<sub>6</sub>:

“[...] a pensar que o mundo lá fora não tem muito a oferecer, mas o projeto ajudou né, o pessoal a fazer arte; ocupar sua mente e ter vida pela frente. [...] o mundo lá fora não é só feito de rosas, mas tem espinhos também”.

Quanto ao **conhecimento crítico** percebeu-se que os adolescentes compreenderam a realidade como possibilidade de transformação a partir da denúncia de uma estrutura corrupta. O entrevistado E<sub>2</sub> exemplifica:

“Então, eu vejo a favela como um lugar onde tem pessoas lutadoras, pessoas heroínas mesmo, que mesmo no poço, lá no fundo do poço, ainda tem esperanças de uma vida melhor. Que lutam mesmo”.

O mesmo aparece no seguinte fragmento do entrevistado E<sub>5</sub> :

“Eu pude buscar, querer mais, batalhar por aquilo que eu tenho vontade de conseguir, de querer. Fortaleceu bastante para eu buscar meus objetivos. Infelizmente o morador da favela é difícil que tenha uma coisa que possa fazer com que ele tenha esperança de algo. Ele é muito excluído, infelizmente. É muito excluído o favelado. E graças a

Deus, o Campus das Artes fez eu poder ter uma vontade de querer seguir, de querer batalhar por tudo que eu tenho vontade, assim relacionado a arte e a tudo então”.

#### **Quadro 5: Subcategorias da categoria: Sujeitos da transformação social**

<b>Categoria/Subcategorias</b>	<b>Nº de entrevistados que fizeram referência</b>
<b>Sujeitos da transformação social</b>	(5)
Exercício da cidadania	(5)
Intervenção cultural	(4)

A categoria **Sujeitos da transformação social** apareceu relacionada em duas subcategorias: **Exercício da cidadania** e **Intervenção cultural**. O exercício da cidadania pode-se constatar nos fragmentos dos depoimentos dos entrevistados E<sub>5</sub> e do entrevistado E<sub>4</sub>:

“[...] Então, eu acredito muito que teve há todo momento essa preocupação com a cidadania. Para todos pensarem a cultura; pensar sobre como mudar tudo e para melhor”.

Também pode constatar no seguinte depoimento do E<sub>4</sub>:

“Me abriu oportunidades. Estou fazendo um curso através de vocês e dos amigos da Marilda”.

A subcategoria **Intervenção cultural** apareceu em quase todas as entrevistas. Aqui mencionamos alguns fragmentos dos depoimentos. O entrevistado E<sub>4</sub> a menciona:

“ [...] a gente fez as placas e fomos colocando nas casas dos moradores. [...] o mosaico porque já começamos, estamos fazendo as fachadas de algumas casas”.

#### **Quadro 6: Subcategorias da categoria: Domínio de novas competências**



<b>Categoria/Subcategorias</b>	<b>Nº de entrevistados que fizeram referência</b>
<b>Domínio de novas competências</b>	(6)
Formação continuada em artes	(5)
Interesse pelo domínio de novas expressões artísticas	(6)

Na categoria **Domínio de novas competências** foram encontradas duas subcategorias:

Em **Formação continuada em artes** temos o seguinte depoimento do entrevistado E<sub>2</sub>:

“Hoje eu estou cursando o 3º semestre de artes plásticas graças à bolsa que recebi do Centro Cultural Vila Prudente”

No **Interesse pelo domínio de novas expressões artísticas** exemplifico com o depoimento do entrevistado E<sub>3</sub>:

“Me envolvi com o grafite. Gosto da forma de protesto, idéias lançadas nos muros para olhos observadores. [...] Tenho meu pequeno ateliê e por enquanto eu vivo disso”.

Em depoimento do entrevistado E<sub>5</sub>, percebemos o interesse dos jovens pelas expressões artísticas:

“Eu trabalho com o auto-retrato. Eu trabalho com a técnica do carvão e papel canson. Normalmente eu faço o retrato com a pessoa na minha frente entre uns quarenta minutos a uma hora”.

**Quadro 7: Subcategoria da categoria: Compreensão da arte como exercício da cultura.**

<b>Categoria/Subcategorias</b>	<b>Nº de entrevistados que fizeram referência</b>
<b>Compreensão da arte como exercício da cultura</b>	(3)
Valorização da arte e cultura	(3)

Uma subcategoria foi percebida na categoria da compreensão da arte como exercício da cultura: **Valorização da arte e cultura**. O fragmento de um dos depoimentos dos jovens constata tal subcategoria, como vemos no entrevistado E<sub>6</sub>:

“[...] Acho que o povo gosta disso: gosta de cultura, gosta de saber lidar com a arte, né. A arte está em todo lugar e o projeto ensinou isso para nós”.

#### **Quadro 8: Subcategorias da categoria: Conscientização política da favela.**

<b>Categoria/Subcategorias</b>	<b>Nº de entrevistados que fizeram referência</b>
<b>Conscientização política da favela</b>	(6)
Uma outra favela é possível	(4)
Favela sem preconceito	(4)

A categoria Conscientização política da favela encontrou duas subcategorias: **Uma outra favela é possível** e **Favela sem preconceito**. Aqui transcrevemos alguns fragmentos dos depoimentos encontrados nas entrevistas.

Em **Uma outra favela é possível** há os seguintes depoimentos dos entrevistado E<sub>3</sub>, E<sub>2</sub> e E<sub>1</sub>:

“A gente foi percebendo uma favela que parece que não via antes. [...] Eu vejo a favela hoje como possibilidade de mudanças e mais colorida também, né. Antes a gente só via o pedaço da madeira, né. Hoje a gente vê o pedaço da madeira mais colorido”.

“Hoje eu vejo uma favela como uma sociedade alternativa. As pessoas não estão lá porque querem estar. [...] Então, eu vejo a favela como um lugar onde tem pessoas

lutadoras, pessoas heroínas mesmo, que mesmo no poço, lá no fundo do poço, ainda tem esperanças de uma vida melhor. Que lutam mesmo. É isso”.

Passei a ver o lugar onde eu moro como morador. Porque antes eu morava ali mas não sabia dos problemas. Mas nunca era ciente daquilo: caramba eu moro numa favela, mas antes eu não era despertado para esse assunto. Depois que eu vi o vídeo eu passei; eu comecei a pensar melhor como morador. Antes eu via mais de fora. Agora eu vejo os problemas mais pela raiz.

Em **Favela sem preconceito** o entrevistado nº E<sub>5</sub> dá o seguinte depoimento:

“Eu andava de cabeça baixa, não olhava para as pessoas da favela. Eu não olhava nos rostos delas e, eu na verdade, infelizmente, estava negando, né, a realidade que eu vivo né. Então, uma coisa que me fez enxergar o Campus das Artes foi isso: olhar ao meu redor”.

“Eu tinha vergonha de morar na favela. Muitas pessoas não gostam das pessoas que moram numa favela porque elas não pagam impostos, essas coisas”. (E<sub>4</sub>).

#### **Quadro 9: Subcategorias da categoria: Construção da auto-estima.**

<b>Categoria/Subcategorias</b>	<b>Nº de entrevistados que fizeram referência</b>
<b>Construção da auto-estima</b>	(6)
Acreditar mais em si mesmo	(1)
Arte como desenvolvimento humano	(2)

Aqui também encontraram-se duas subcategorias pertencentes à categoria Construção da auto-estima: **Acreditar mais em si mesmo** e **Arte como desenvolvimento humano**.

#### **Acreditar mais em si mesmo:**

“A minha auto-estima. Antes eu não acreditava muito. Eu acho que eu não acreditava muito em mim. Aí com o Campus das Artes houve essa questão: eu vou acordar. É, eu tenho direitos, eu tenho deveres. Então, vou buscá-los”. (E<sub>2</sub>).

Na **Arte como desenvolvimento humano o entrevistado** E<sub>2</sub> e o E<sub>3</sub> comentam:

“[...] Porque arte é o aprimoramento do intelecto”.

“De uma certa forma a arte consegue envolver um pouco a comunidade. Através do Campus das Artes com a realização do documentário e das exposições de artes, envolvemos a comunidade e isso contribuiu para mostrar-lhes que a arte melhora a comunidade”.

**Quadro 10: Subcategoria da categoria: Promoção da cidadania dos adolescentes.**

<b>Categoria/Subcategorias</b>	<b>Nº de entrevistados que fizeram referência</b>
<b>Promoção da cidadania dos adolescentes</b>	(6)
Incentivo ao protagonismo na comunidade	(6)

O protagonismo dos jovens e das jovens dentro da comunidade evidenciou-se na subcategoria **Incentivo ao protagonismo na comunidade** como pode perceber nos depoimentos abaixo dos entrevistados de nº E<sub>6</sub> e E<sub>3</sub> :

“[...] para que a gente pudesse olhar e ver que a gente tem condições de mudar.”  
 [...] Queriam formar verdadeiros cidadãos protagonistas na comunidade”.

[...] Dos jovens eu lembrei que eles tiveram a oportunidade de expressar o que eles viviam na favela; o cotidiano deles no meio de toda a violência e agitação da favela que não se encontra em outro lugar”.

**Quadro 11: Subcategoria da categoria: Diálogo com os adolescentes.**

<b>Categoria/Subcategorias</b>	<b>Entrevistados que fizeram referência</b>
<b>Diálogo com os adolescentes</b>	(4)
Integração com os adolescentes	(4)

Na categoria Diálogo com os adolescentes uma subcategoria foi evidenciada: **Integração com os adolescentes**. Percebemos nos seguintes depoimentos dos entrevistados de número E<sub>4</sub>, E<sub>1</sub> e E<sub>2</sub> a integração das arte-educadoras com os adolescentes::

“Elas valorizavam a favela e nos ensinava a valorizar o lugar onde nascemos”.

[...] Porque sempre elas davam as aulas, mas sempre a gente conversava. Sempre uma coisa extra-curricular, digamos assim. As conversas envolviam sempre cidadania”.

“O que deu certo foi, digamos, esse conhecimento de interação entre aluno e professor, professor e aluno. E houve mesmo lá. Foi uma troca muito grande, muito bonita. Nossa, estava todo mundo, acho aberto a isso”.

#### **Quadro 12: Subcategoria da categoria: Envolvimento da comunidade com o documentário.**

<b>Categoria/Subcategorias</b>	<b>Entrevistados que fizeram referência</b>
<b>Envolvimento da comunidade com o documentário.</b>	(5)
Incentivo ao protagonismo da comunidade	(3)
Conscientização por meio do documentário	(4)

Duas subcategorias referentes ao envolvimento da comunidade com o documentário foram percebidas: **Incentivo ao protagonismo da comunidade** e **Conscientização por meio do documentário**.

No **Incentivo ao protagonismo da comunidade** conferimos nos entrevistados de número E<sub>2</sub> e E<sub>3</sub> os seguintes depoimentos:

[...] Houve uma ação transformadora e na comunidade teve ações como o documentário na favela onde os moradores eram os próprios protagonistas de suas

histórias”.

[...] Gostei muito do documentário por entrevistar pessoas do nosso cotidiano. São verdadeiros guerreiros com muitas experiências de vida”.

Na **Conscientização por meio do documentário**, os entrevistados de número E<sub>1</sub> e E<sub>6</sub> comentam que o vídeo mudaram suas maneiras de ver a favela e conhecer melhor a história dos seus moradores:

[...] Depois que eu vi o vídeo eu passei; eu comecei a pensar melhor como morador. Antes eu via mais de fora. Agora eu vejo os problemas mais pela raiz: porque aquele cara tá naquele mundo; porque isso acontece e tal; por vários motivos. Aí eu comecei a enxergar melhor, isso, através do próprio documentário que a gente fez”.

“O documentário me marcou bastante porque a gente foi conhecendo histórias de pessoas que moram dentro da favela mas a gente não sabia dessas histórias”.

### **Quadro 13: Subcategorias da categoria: Discussão da estética da favela.**

<b>Categoria/Subcategorias</b>	<b>Entrevistados que fizeram referência</b>
<b>Discussão da estética da favela.</b>	(3)
Um outro olhar sobre a favela	(3)
Visão sociopolítica e econômica da favela	(1)

Como entendimento dos adolescentes pela **discussão da estética da favela**, duas subcategorias foram encontradas.

Em **Um outro olhar sobre a favela** os entrevistados de número E<sub>6</sub> e E<sub>4</sub> comentam :

“Eu vejo a favela hoje como possibilidades de mudanças e mais colorida também, né. Antes a gente só via o pedaço da madeira, né. Hoje a gente vê o pedaço da madeira mais colorido”.

“Valorizo mais a favela agora e mudou também minha forma de pensar sobre o que acontece dentro da favela, o que tem nela. Mudou minha forma de pensar”.

Na **Visão sociopolítica e econômica da favela** o entrevistado de número E<sub>5</sub> comenta :

“Foi bom que a gente viu a diferença de cada casa, o porquê da cada situação. Tinha alguns que tinha uma situação precária. Eram barracos mais amontoados, mais apertados, pequenos. Outros já tinham grandes casas, né. Já tinha uma situação melhor, mas também não deixa de ser morador da favela. Então, a gente conheceu através de cada história que gente via a situação que cada um vivia na favela. E a gente via as paredes, umas de madeiras, umas casas quase caindo, umas casas bem erguidas.”

Ao refletir sobre as temáticas levantadas na análise de conteúdo das entrevistas o que se percebeu é que os temas são acompanhados por uma abordagem crítica no sentido de compreensão da realidade onde os jovens vivem, a favela.

Percebe-se em vários depoimentos, principalmente os apontados na categoria **“Formação da Consciência crítica”** que os jovens conseguiram passar de uma consciência ingênua sobre suas vidas e seus mundos para a compreensão de uma consciência crítica.

Para Paulo Freire a consciência ingênua:

Revela uma certa simplicidade, tendente a um simplismo, na interpretação dos problemas, isto é, encara um desafio de maneira simplista ou com simplicidade. Não se aprofunda na casualidade do próprio fato. Suas conclusões são apressadas, superficiais (FREIRE, 1983, p. 40).

Nos depoimentos dos jovens constata-se que eles apresentam uma postura questionadora da realidade ao mesmo tempo em que almejam colaborar para mudar a sua situação deixando de serem meros objetos para sujeitos da história. Conseguem reconhecer que é possível mudar a realidade, pois não estão condenados ao fracasso de suas histórias; de suas vidas. Aqui compreendem a consciência crítica formulada por Freire (1983, p. 41) que é “indagadora, investiga, força, choca. Ama o diálogo, nutre-se dele.”. E que também “Ao se deparar com um fato, faz o possível para livrar-se de preconceitos. Não somente na captação, mas também na análise e na resposta”.

Ainda sobre a formação da consciência crítica bastante presente nos depoimentos que exemplificam muitas das subcategorias, verifiquei que os jovens compreenderam que é por meio de um olhar crítico sobre suas realidades que exercem a vocação ontológica da vida: de humanizar-se e participar da construção da história do mundo. Ninguém pode ficar de fora da história. É preciso com sua participação e criatividade agir para obter uma transformação criadora como comentou o entrevistado de número E<sub>6</sub>:

“A gente foi percebendo uma favela que parece que não via antes. [...] Eu vejo a favela hoje como possibilidade de mudanças e mais colorida também, né. Antes a gente só via o pedaço da madeira, né. Hoje a gente vê o pedaço da madeira mais colorido”.

O que se vai concluindo com a análise dos depoimentos ao longo da leitura das categorias e subcategorias é que os jovens deram conta de que a arte é fator decisivo para o desenvolvimento humano. O próprio Freire (2004, p. 32) reconheceu “A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas”.

Os depoimentos contidos nas subcategorias “**Acreditar mais em si mesmo**” e “**Arte como desenvolvimento humano**” confirmam uma das hipóteses desta pesquisa de que quando dado aos jovens vivendo em situação de risco oportunidades para o desenvolvimento de atividades artísticas “contribui-se, em muito, para o desenvolvimento de diferentes valores como por exemplo, a amizade, o respeito ao outro, o amor à vida e ao local onde vivem”. O mesmo defendido por Loureiro

Há um aspecto em que a arte, por sua vertente estética, contribui ao sentido democrático e humanístico do desenvolvimento. É que a arte, na dinamização da relação emocional, provoca e amadurece a necessidade do estar juntos. O sentimento eufórico da experiência compartilhada. Alimentando o espírito através da educação da sensibilidade, a arte faz o homem florescer para a amizade, o amor à vida, o respeito pelo outro. A arte, no seu sentido estético, é uma educação da sensibilidade para a democracia, para a justiça social. Esta é uma consequência ontológica (LOUREIRO, 1999, P. 31).



Em vários momentos das entrevistas, quando tinham de mencionar sobre a favela e de suas vidas nesse contexto, jamais se referiram à favela com preconceito ou discriminação. Aqui vale pontuar o depoimento do entrevistado E<sub>2</sub> ao comentar sobre a favela:

“ [...] Hoje eu vejo uma favela como uma sociedade alternativa. As pessoas não estão lá porque querem estar. [...] Então, eu vejo a favela como um lugar onde tem pessoas lutadoras, pessoas heroínas mesmo, que mesmo no poço, lá no fundo do poço, ainda tem esperanças de uma vida melhor. Que lutam mesmo. É isso”.

Os jovens perceberam também que a conscientização não é um processo de separação entre o que eu sonho e vivo no mundo lá fora. Perceberam que:

A conscientização não está baseada sobre a consciência, de um lado, e o mundo, de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência-mundo (FREIRE, 1980, p. 26).

Os jovens também compreenderam que é preciso denunciar a realidade opressora e anunciar um outro mundo possível; uma outra favela. Mesmo sabendo que se é favelado e excluído, podem por meio da conscientização de suas realidades “desmitificar” o sistema opressor e tomarem posse de uma nova realidade utópica, onde a esperança é mola propulsora.

Para Freire:

A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. Mas esta posição deve ser permanente: a partir do momento em que denunciemos uma estrutura desumanizante sem nos comprometermos com a realidade, a partir do momento em que chegamos à conscientização do projeto, se deixarmos de ser utópicos nos burocratizamos; é o perigo das revoluções quando deixam de ser permanentes. Uma das respostas geniais é a da revolução cultural, esta dialetização que, propriamente falando, não é de ontem, nem de hoje, nem de amanhã, mas uma tarefa permanente de transformação (FREIRE, 1980, p. 28).

O entrevistado de número E<sub>6</sub> reconhece que a realidade para eles não é fácil mas que é possível fazer um outro caminho:

[...] a pensar que o mundo lá fora não tem muito a oferecer, mas o projeto ajudou né, o pessoal a fazer arte; ocupar sua mente e ter vida pela frente. [...] o mundo lá fora não é só feito de rosas, mas tem espinhos também”.

Grande contribuição dos jovens nas entrevistas foi haver destacado o papel dos arte-educadores na intervenção da construção de valores como o da cidadania dos adolescentes: “Elas valorizavam a favela e nos ensinava a valorizar o lugar onde nascemos” comentou um dos jovens. Percebe-se assim o quanto foi decisivo para eles a presença do educador com seu testemunho na vida deles. Aqui mais uma vez Freire está nos dizendo de que o nosso testemunho, estando no meio de situações de extrema pobreza como o são as favelas, tem de ser a favor desses menos favorecidos para que o testemunho da justiça seja verdadeiro.

Outro testemunho que não deve faltar em nossas relações com os alunos é o da permanente disposição em favor da justiça, da liberdade, do direito de ser. A nossa entrega à defesa dos mais fracos, submetidos à exploração dos mais fortes. É importante, também, neste empenho de todos os dias, mostrar aos alunos como há boniteza na luta ética. Ética e estética se dão as mãos. Não se diga, porém, que em áreas de pobreza imensa, de carência profunda, essas coisas não podem ser feitas. (FREIRE, 2002, p. 77).

Nos momentos em que me deparei lendo as entrevistas para descobrir os temas ali presentes, minha alegria maior foi poder em constatar que valeu a pena. Esses jovens e, talvez alguns que não passaram pelas entrevistas estão em seus lugares de trabalho e atuação, sonhando com uma favela e um mundo melhor. Assim, estão valendo seu direito de sonhar e protagonizarem suas vidas.

Diria que muito presente nas falas dos entrevistados foi perceber que eles deram conta de o mais importante é “ajudar-nos a ajudar-se” conforme Freire apontou:

O que importa, realmente, ao ajudar-se o homem é ajudá-lo a ajudar-se. E aos povos também. É fazê-lo, agente de sua própria recuperação. É, repitamos, pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas (FREIRE, 1980, p. 58).

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando a prática é libertadora fica difícil pensar que “algo” já se deu por acabado, concluído. O saudoso Paulo Freire com quem procurei dialogar por meio da sua teoria epistemológica de educação no processo de compreensão e sistematização dos resultados obtidos com o projeto *Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte* junto aos jovens da favela de Vila Prudente, é quem nos revela que o “Mundo não é. O mundo está sendo”. Parafraçando Freire, os resultados não são. Os resultados estão sendo colhidos... Sementes continuam, silenciosamente, plantadas e germinando no coração da terra.

Não são todos os frutos que alcançamos no tempo da colheita. Há outros tempos de amadurecimento e quando ele chega, podemos já estar longe, em outras lavouras... Adubando outras terras...

Uma jovem participante do Campus das Artes e que não consegui encontrá-la durante o processo ds entrevistas, revelou em um encontro casual com uma das psicólogas do centro cultural que não esqueceu do Campus das Artes e que quer ser uma advogada no futuro. São sementes germinando... Sonhos de justiça, de um mundo melhor. Sonhos de querer Ser Mais.

Em julho deste ano recebi um e-mail animador e corajoso de um jovem que frequenta o Centro Cultural Vila Prudente e que, na ocasião frequentou assiduamente o projeto Campus das Artes, mostrando-me o quanto o trabalho do centro cultural tem sido referência de libertação na vida dele e de muitos outros moradores da favela de Vila Prudente. A mensagem fora enviada por ocasião do lançamento do site institucional do Centro Cultural Vila Prudente.

Sinceramente cheguei a chorar de emoção quando estava lendo a página de notícias, como é lindo o que vocês falam dos membros da favela que fazem parte do CCVP. Portanto, acho que assim como eu, todos querem falar: "O meu muito obrigado por vocês acreditarem numa favela melhor, o que seria da gente sem vocês que formam o ccvp. Agora acredito num mundo melhor, graças ao projeto que me compõem, assim sabemos que não estamos sozinhos nesta luta por dignidade, por que a maioria das pessoas que não conhece a nossa realidade nos oprime em vez de nos ajudar, mas vocês são ao contrário graças a Deus! Moro numa favela há 9 anos, sei que a maioria das pessoas que nela moram lutam por melhores condições de vida assim como eu luto. Obrigado!?"

O depoimento acima nos faz rever posturas onde temos os jovens como aqueles que formam um grupo sem preocupações políticas ou sociais, vinculados a atitudes pouco construtivas.

Trabalhando com eles, no entanto, essas teorias esvaziam-se. Ao contrário, percebe-se que eles são críticos e na verdade buscam espaços de atuação política.

Ao longo da leitura das entrevistas e do processo de categorização das temáticas, deparei-me com depoimentos constatando a revelação e a transformação desses jovens para com a comunidade onde vivem. Falam da favela como lugar de possibilidade de mudanças; da possibilidade da arte como revelação da dignidade, da cidadania e do protagonismo deles no meio da favela. Contestam de forma consciente sobre as atribuições preconceituosas que a sociedade tece sobre os favelados.

No vídeo “Centro Cultural Vila Prudente: Arte e cultura na favela” focando os resultados do Campus das Artes na vida de alguns jovens que passaram por ele, percebe-se nas suas falas um outro olhar sobre a favela:

“De um jeito bem diferente, mas legal, né, no dia-a-dia, tem um convívio mais com as pessoas; que as casas são perto uma das outras. Agora a arte aqui na favela é sempre uma coisa diferente. As pessoas acham que não existe isso na favela, só existe drogas, essas coisas. Com a arte você se solta, você expressa. Vai arranjar um emprego, você sabe conversar mais com as pessoas que precisam de você para trabalhar. Você não chega lá acanhado, com vergonha e tal. Você desenvolve e acaba arranjando seu emprego e se empregando. É uma outra pessoa, mais desenvolvida. A arte levanta sua auto-estima, eleva seu poder de decisão, você decide, você aprende aquilo ali.... Se você olha só pra baixo, o que você vai procurar é só coisas ruins. A arte é uma coisa que vem de você. Então você acha, estou fazendo uma coisa legal, e isso vem de mim; não é uma cópia do outro, não é o outro que está fazendo. É uma coisa que vem de mim, é uma coisa legal. Então é isso”.

Saramago recorda que o ser humano é demasiadamente grande para caber nas palavras com que ele mesmo se define. Mesmo assim, arrisco então a dizer que as conclusões vão chegando e nos tornando grandes: num novo olhar sobre a vida e seus processos de

mudanças. Neste percurso vou me dando conta de que em relação aos jovens com o projeto discutido nessa dissertação, os resultados apontam para:

- A arte e a estética como fator determinante para a mudança de paradigmas da exclusão; revelando aos jovens e as jovens a possibilidade de uma leitura crítica e atualizada da realidade.
- A arte, assim como o homem, é de natureza ontológica. Podemos re-criar o mundo para resgatar nossa dignidade frente a vida.
- A arte nos transforma porque nos sensibiliza da nossa finitude no mundo e do nosso assombro perante as belezas contruídas por homens e mulheres quando esses assumem sua vocação ontológica de ser, de Ser Mais.
- Os jovens querem viver como protagonistas de suas histórias.
- Os jovens acreditam neles e na sua comunidade;
- A exclusão social é que marginaliza o jovem condenando assim seu futuro.
- A opção dos jovens e das jovens pelas drogas e a violência está relacionado diretamente com a falta de perspectiva, de lazer e trabalho nas suas vidas.

Para Loureiro:

Sendo essencial à vida, é comum reconhecer-se na arte a qualidade complementar de veículo de expressão de sentimentos e idéias, concorrendo para a união dos homens, que têm, nas artes, seu instrumento universal de proteção e liberação. Através dela os homens não apenas satisfazem as necessidades mais íntimas do espírito, como expressam largamente suas potencialidades, num processo em que o homem e as artes seguem evoluindo sempre, transformando-se, renovando-se. É que a arte promove a descoberta daquilo que não víamos no mundo, na forma de valores e emoções fundamentais, refinando a sensibilidade e aprofundando a experiência vital do homem. Sendo produção de algo novo, a arte é forma de trabalho que, individual ou socialmente, visa satisfazer às

necessidades estéticas, concorre à criação de valores, à celebração da alegria de viver, à expressão de sentimentos coletivos, à preservação da tradição cultural e patrimonial, á revelação da beleza do mundo, à evasão e à antecipação de novas realidades. Provoca a humanização do acontecer das coisas (LOUREIRO, 1999, p. 68).

A confirmação a que chego com o final dessa pesquisa é que o *Projeto Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte* contribuiu de forma decisiva para a compreensão dos jovens do seu protagonismo dentro da favela de Vila Prudente. Viram que um outro olhar sobre as suas realidades pode não ser sempre o da simples condenação ingênua. Viram que há uma outra favela acontecendo... Que nem tudo está condenado.

No que tange à minha participação dentro do Centro Cultural Vila Prudente em contato diário com a realidade da favela e dos favelados, acredito que o futuro vai exigir a necessidade cada vez maior de intervenções nas áreas de extrema pobreza por meio de oportunidades de socialização de novos conhecimentos e tecnologias de mudanças sociais. A experiência da arte-educação junto a essas camadas da sociedade revela de forma contundente que a arte serve mais do que nunca para conscientizá-los de uma possível mudança em suas vidas ao oferecer-lhes condições de protagonismo, de recriação do mundo e construção da cidadania.

Para Paulo Freire o homem ao compreender sua realidade, consegue levantar hipóteses sobre os desafios dessa mesma realidade para poder encontrar soluções:

O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não em repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo (FREIRE, 1983, p. 30).

## 10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rosane de. Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro. São Paulo: Educ, Estação Liberdade, Fapesp, 2002.

ASMANN, Hugo. Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1999.

BAIRON, Sérgio, PETRY, Luís Carlos. Psicanálise e história da cultura. Caxias do Sul: Educ, São Paulo: Mackenzie, 2000.

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERNA, Vilmar S. Demamam. Maior consciência ambiental. Revista Família Cristã, v. 72, n. 847, 2006.

BOFF, Leonardo. A Voz do Arco-Íris. Brasília: Letraviva, 2000.

\_\_\_\_\_. Saber Cuidar: Ética do Humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Paulo Freire, o menino que lia o mundo. São Paulo: Unesp, 2005.

CERVANTES, Miguel de. Don Quijote de La Mancha. Madrid: Real Academia Española/Asociación de Academias de La Lengua Española, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DIONNE, Jean, LAVILLE, Christian. A construção do saber. Porto Alegre: Artmed/UFMG, 1999.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Desvelar a política na periferia: histórias de movimentos sociais em São Paulo. São Paulo; Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005



FREIRE, Ana Maria Araújo. Paulo Freire: uma história de vida. São Paulo: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo, GUIMARÃES, Sérgio. Sobre educação (Diálogos). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Unesp, 2003.

\_\_\_\_\_. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Indignação. São Paulo: Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Tolerância. São Paulo: Unesp, 2006, 2004.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. Pedagogia dos Sonhos Possíveis. São Paulo: Unesp, 2001.

\_\_\_\_\_. Política e educação. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Professora sim, tia não. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

FUNDAÇÃO ABRINQ PELOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.

Juventude Presente – lições do Projeto Geração Jovem. 2004.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 2005.

GADOTTI, Moacir. Aprender ensinar – um olhar sobre Paulo Freire. Revista abceducatio, São Paulo, v. 3, n. 14, p. 16-22.

\_\_\_\_\_. Um legado de esperança. São Paulo: Cortez, 2001.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal e cultura política. São Paulo: Cortez, 2001.

INSTITUTO PAULO FREIRE. Paulo Freire, educar para transformar. São Paulo, 2005.

JÚNIOR, João Francisco Duarte. Fundamentos estéticos da educação. Campinas: Papirus, 1988.

\_\_\_\_\_. Por que arte-educação? Campinas: Papirus, 1996.

LABAKI, Amir; MOURÃO, Maria Dora (Org.). O Cinema do Real. São Paulo: CosacNaify, 2005.

LESLIE, Vera Fraga. Lugar comum. São Paulo: Senac, 2001.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Arte e Desenvolvimento. Belém do Pará: Cadernos IAP, 1999.

MÉSZAROS, István. A educação para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MORAIS, Regis de. Cultura brasileira e educação. Campinas: Papirus, 1989.

MORIN, Edgard. A cabeça bem feita. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

PÁDUA, Elisabete Matallo Mardresini. Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática. Campinas, SP; Papirus, 2004.

PAIVA, Wilson Alves. Educação no Brasil – contos e recontos. Revista Diálogo Educacional, v. 3, n. 7, p. 34, set/dez, 2002.

PALUDO, Conceição. Educação popular em busca de alternativas. Uma leitura desde o campo democrático popular. Porto Alegre: 2001.

RIBEIRO, Darci. O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

RIBEIRO, José da Silva. Antropologia visual; da minúcia do olhar ao olhar distanciado. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. Arte e cultura: equívocos do elitismo. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 2000.

STOKLOS, Denise. Pedagogia da Autonomia, Folha de São Paulo, p. 2, 5 junho 2005.

\_\_\_\_\_. Teatro Essencial. São Paulo: Denise Stoklos Produções, 1993.

STORI, Norberto (Org.). O Despertar da Sensibilidade na Educação. São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie: Cultura Acadêmica Editora, 2003.

TORRES, Carlos Alberto. A política da educação não-formal na América Latina. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VINEY, Leslie. Artes e ofícios dos mosaicos – técnicas essenciais e projetos clássicos. Lisboa: Livros e Livros, 2003.

Vídeos:

Centro Cultural Vila Prudente: Educação e Arte no Coração da Favela

Histórias da Vida Real

Patrick conversa com Paulo Freire

Teto e Chão: a história do Movimento de Defesa do Favelado

## APÊNDICE 1

---

## INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

### APRESENTAÇÃO:

**Esta pesquisa pretende obter informações a respeito do “Projeto Campus das Artes: a favela como espaço antropológico da arte” para o desenvolvimento da dissertação de mestrado que está sendo realizada no curso de Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Por favor, responda as perguntas com o máximo de espontaneidade, pois os dados obtidos serão analisados dentro das regras da ética, resguardando o sigilo da sua identidade. Esclarecemos também que este trabalho não envolve qualquer processo de avaliação do Centro Cultural Vila Prudente (CCVP). Agradeço sua preciosa e generosa contribuição para a realização desta pesquisa. Antonio Marcos, responsável pela pesquisa.**

### INFORMAÇÕES:

**Entrevistado\* n°:**

**Local:**

**Escolaridade: Ensino Médio ( ) Nível Superior: Concluído ( ) Concluindo ( )**

**Idade:**

**Sexo: M ( ); F ( )**

**\* Para resguardar o sigilo e a identidade do entrevistado, o seu nome não será revelado. Usaremos um número.**

### QUESTIONÁRIO

1ª Onde você nasceu?

2ª Quanto tempo você mora na favela de Vila Prudente?

3ª Quanto tempo participa do Centro Cultural Vila Prudente?

4ª Porque quis participar do Centro Cultural Vila Prudente?

5ª Você acha que o Centro Cultural Vila Prudente foi importante para a sua vida? Comente.

6ª Você acha que o CCVP contribuiu para auxiliar à comunidade?

7ª A arte conseguiu envolver toda a comunidade? Se sim, você acha que ela contribuiu para desencadear alguma ação transformadora?

8ª A formação da cidadania esteve presente entre os arte-educadores?

9ª Ocorreu envolvimento dos alunos e dos professores com o projeto?

10ª Como foi a sua experiência com os colegas e os professores?

11ª Você acha que o Campus das Artes contribuiu para a aquisição de conhecimentos?

12ª O que deu certo e o que poderia ter sido melhor?

13ª Quais foram as dificuldades encontradas durante as atividades do Campus das Artes e quais atividades que mais te envolveu?

14ª O que você sugeriria como mudança?

15ª Entre as atividades desenvolvidas no CCVP, quais as que mais te marcou ou qual foi a melhor atividade para você?

16ª Faça um comentário das diferentes linguagens aprendidas (pintura, desenho, mosaico, linóleogravura, fotografia, documentário, etc).

17ª Como foi pesquisar a estética da favela durante o projeto Campus das Artes?

18ª O que representou o Campus das Artes na sua vida?

19ª O que mudou em você após participar do Projeto Campus das Artes?

21ª Qual a visão que você tem hoje da favela após o Projeto Campus das Artes?

22ª Você desenvolve hoje alguma atividade que contribuiu para o seu desenvolvimento artístico ou profissional ou em benefício da comunidade ?

23ª Quais os seus planos para o futuro?

24ª Feche os olhos... Pense numa imagem que representa o projeto Campus das Artes para você?

25ª Feche os olhos... Pense numa imagem que representa o Centro Cultural Vila Prudente para você?

## Apêndice 2

---



## **DADOS OBTIDOS POR INTERMÉDIO DAS ENTREVISTAS**

### **1ª Onde você nasceu?**

R<sub>1</sub> Nasci no Ipiranga, em São Paulo.

R<sub>2</sub> Nasci na cidade de Salitre, no Estado do Ceará.

R<sub>3</sub> Nasci em Salitre, no Ceará.

R<sub>4</sub> Em São Paulo, na Vila Prudente.

R<sub>5</sub> Nasci em Campos Sales, no Ceará.

R<sub>6</sub> Eu nasci aqui na Vila Prudente mesmo.

### **2ª Quanto tempo você mora na favela de Vila Prudente?**

R<sub>1</sub> Há 17 anos.

R<sub>2</sub> Dez anos.

R<sub>3</sub> Morei por três anos.

R<sub>4</sub> Dezoito anos.

R<sub>5</sub> Eu moro na favela há uns dezoito anos.

R<sub>6</sub> Vou completar vinte anos em dezembro.

### **3ª Quanto tempo participa do Centro Cultural Vila Prudente?**

R<sub>1</sub> Dez anos.

R<sub>2</sub> Dez anos. Desde que eu vim morar na favela eu participo do CCVP.

R<sub>3</sub> Participei por dois anos e oito meses.

R<sub>4</sub> Uns dez anos.

R<sub>5</sub> No Centro Cultural Vila Prudente eu frequento há uns nove anos.

R<sub>6</sub> Desde pequenininho; desde quando... A primeira atividade quando entrei no CCVP foi fazer bolinhas de papel reciclado. O CCVP mudou tudo. Tá bonito, tá lindo. Mudou totalmente.

### **4ª Porque quis participar do Centro Cultural Vila Prudente?**

R<sub>1</sub> Na verdade não foi uma vontade minha. Eu era criança ainda, ai minha mãe ficou sabendo do CCVP e ela perguntou para mim se eu tinha interesse em participar e eu falei que sim.

R<sub>2</sub> Bom, eu conheci o Centro Cultural Vila Prudente através de uma amiga que já participava lá, ai ao conhecer o projeto eu interessei porque é uma coisa diferente que existe na favela.

R<sub>3</sub> Sempre gostei de arte, meu amigo me fez o convite e aceitei.

R<sub>4</sub> Na verdade minha mãe me matriculou e eu não estava muito afim de ir na época. Ai eu acabei indo e gostando e continuando.

R<sub>5</sub> Porque foi um meio que, graças a Deus, eu encontrei de poder desenvolver uma experiência que eu sempre gostaria de aprender, que era artes plásticas. Desde criança eu sempre tive uma vontade de aprender a desenhar e pintar.

R<sub>6</sub> Porque... Bem, minha mãe me trouxe para o CCVP, e aqui, eu que a gente precisa de ter alguma coisa para abrir nossa mente, né. Por isso eu sempre quis freqüentar aqui.

### **5ª Você acha que o Centro Cultural Vila Prudente foi importante para a sua vida?**

R<sub>1</sub> Foi. Foi bastante importante. Eu vejo algumas pessoas que começaram comigo no CCVP e saíram depois do CCVP. Eu vejo a vida difícil que eles estão levando hoje onde eu moro.

R<sub>2</sub> É importante pra a minha vida. O Centro Cultural Vila Prudente é um projeto que até tira crianças das ruas. Às vezes a criança que vai lá ela começa a ver a vida diferente; digamos um novo horizonte. Nas ruas o que a criança vê? Então, digamos hoje, eu vejo crianças cantando músicas de *funk*, essas coisas. As crianças do CCVP não têm esse comportamento. De ficar falando palavrões. É uma criança mais sensível. O Centro Cultural sensibiliza a criança a uma vida mais digna. É isso.

R<sub>3</sub> Foi muito importante para mim. Estava passando por uma fase difícil em minha vida: uma nova cidade e novos problemas, desemprego, adaptação; com o tempo consegui um emprego e tudo foi se resolvendo.

R<sub>4</sub> Foi. E está sendo muito importante. Me abriu oportunidades. Estou fazendo um curso através de vocês e dos amigos da Marilda.

R<sub>5</sub> Sim, foi muito importante para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Me fez enxergar minha realidade, seus desafios e como enfrentá-los.

R<sub>6</sub> Contribuiu e contribui ainda. De verdade eu agradeço a Deus por esse projeto; para as crianças e os jovens que precisam de verdade e o CCVP é abençoado por Deus de verdade. Eu amo de verdade o CCVP e ele me ajudou a ver o mundo de outra forma.

**6ª Você acha que o CCVP contribuiu para auxiliar à comunidade?**

R<sub>1</sub>. Contribuiu sim. O que eu disse: para as pessoas que ficaram como eu, mais alguns outros, para as crianças né, digamos para a nova geração que tá, meu irmão, por exemplo, para essas crianças tá contribuindo importante para que eles não caiam em outra vida.

R<sub>2</sub> Com certeza. Eu digo isso por experiência. Os que já participaram do centro cultural e vivem lá, mesmo não estando ligados ao centro cultural, são pessoas diferentes. Eu analiso isso quando vejo meus colegas do centro cultural. Meu, o comportamento é totalmente diferente. É como se eles não fizessem parte daquela comunidade. O centro cultural conseguiu diferenciar eles.

R<sub>3</sub> Sim, porque todos os trabalhos do CCVP são voltados para a comunidade e é uma luta constante para mostrar à ela que podemos melhorar.

R<sub>4</sub> Contribui. Tira as crianças da rua para fazer artes.

R<sub>5</sub> Eu acredito que ajudou muito, tanto as crianças quanto às famílias delas. Porque ajudou com que elas pudessem ter uma criação melhor, dar uma criação melhor para seus filhos.

Então ajudou tanto para que elas pudessem pensar melhor no futuro delas e poder desenvolver assim um trabalho e uma experiência de vida. Uma coisa que eles não tinha antes.

R<sub>6</sub> Ele contribuiu bastante. Acho que o povo gosta disso: gosta de cultura; gosta de saber lidar com a arte, né. A arte está em todo lugar e o projeto ensinou isso para nós.

**7ª A arte conseguiu envolver toda a comunidade? Se sim, você acha que ela contribuiu para desencadear alguma ação transformadora?**

R<sub>1</sub>

A arte conseguiu sim. É... conseguiu a concessão de espaços para fazer os mosaicos. Até algumas casa já fez mosaico. E o pessoal tá respeitando. O pessoal já não pincha mais.

Respeita mesmo a arte. O que antes não existia. Antes não existia isso.

R<sub>2</sub> Não, ela não conseguiu envolver toda a comunidade. Houve uma ação transformadora e na comunidade teve ações como o documentário na favela onde os moradores eram os próprios protagonistas de suas histórias e contavam suas histórias. E tem o mosaico também que nós estamos iniciando com a comunidade. Eles vão participar e alguns já participaram. Essa é uma das ações transformadoras que há na comunidade e que deve aprimorar com o decorrer do tempo para uma melhoria e integração da comunidade.

R<sub>3</sub> De uma certa forma a arte consegue envolver um pouco a comunidade. Através do Campus das Artes com a realização do documentário e das exposições de artes, envolvemos a comunidade e isso contribuiu para mostrar-lhes que a arte melhora a comunidade.

R<sub>4</sub> Sim. Através do mosaico, né, que a gente fez as placas e fomos colocando nas casas dos moradores.

R<sub>5</sub> Sim, na verdade a arte não envolveu toda a comunidade por mais que tenha sido um trabalho bom e bonito. Não conseguiu atingir toda a favela, porque se fosse assim, não existiria hoje a violência grande que está cada vez mais se ampliando e, eu acredito que aqueles que pelo menos conhecem o projeto, conheceram a arte e tiveram a oportunidade de conhecer, por exemplo o que aconteceu com o documentário. Foi legal o trabalho porque a gente procurou saber de onde cada morador da favela veio: se veio do Ceará, de Pernambuco. Cada um deu um depoimento de como veio parar na favela; o que eles esperavam; o que eles tinham vivido e qual era a experiência de vida deles na favela. Dos jovens eu lembrei que eles tiveram a oportunidade de expressar o que eles viviam na favela; o cotidiano deles no meio de toda a violência e agitação da favela que não se encontra em outro lugar. É uma agitação diferente. Digamos que é um outro mundo dentro de um mundo. É coisa engraçada porque é agitação a todo momento, né. Quando fica aquele silêncio é uma coisa estranha, todo mundo até estranha quando está em silêncio a favela. Então tudo é surpresa. Os adolescentes tiveram a oportunidade de passar tudo isso para a pintura, para a gravura, para a escultura. Finalizou com uma grande exposição.

R<sub>6</sub> Não, né. Mas ela ajudou muito o jovem a evoluir, a pensar que o mundo lá fora não tem muito a oferecer para nós, mas o projeto ajudou, né, o pessoal a fazer arte; ocupar sua mente e ter vida pela frente.

### **8ª A formação da cidadania esteve presente entre os arte-educadores?**

R<sub>1</sub> Acho que sim. Porque sempre elas davam as aulas, mas sempre a gente conversava. Sempre uma coisa extra-curricular, digamos assim. As conversas envolviam sempre cidadania.

R<sub>2</sub> Sempre. Elas estavam sempre focando, abrindo os olhos, falando: Meu, olha, vocês são capazes. Busquem, pesquisem. Vocês têm todo o direito. Não é que vocês moram na favela que vocês não tem direito a nada. Vão lá, busquem mesmo. Acreditem em vocês. Elas estavam sempre focando isso. Nos alertando e animando mesmo.

R<sub>3</sub> Eles não queriam formar só artistas plásticos. Queriam formar verdadeiros cidadãos protagonistas da comunidade.

R<sub>4</sub> Esteve o tempo todo. Elas valorizavam a favela e nos ensinava a valorizar o lugar onde nascemos.

R<sub>5</sub> Esteve presente a todo momento. Ela ajudou não só com a arte mas também a ter um olhar; a conhecer onde moramos, a saber o porque que fomos parar na favela. Que vem da tradição da família, dos avós. Através do vídeo que fizemos descobrimos o porque das famílias estarem na favela. Foram tentar uma nova vida em São Paulo; ter uma moradia; um trabalho. Coisa que elas estavam Coisas que elas não conseguiam por causa da fome e da seca. Então, eu acredito muito que teve há todo momento essa preocupação com a cidadania. Para todos pensarem sobre a cultura; pensar sobre como mudar tudo e para melhor.

R<sub>6</sub> Esteve sim. Os professores ajudou a gente pra caramba. Para a gente pensar positivo, né. Que nada é impossível. Se você tiver uma idéia na cabeça tem que lutar por ela. O mundo lá fora não é só feito de rosas, mas tem espinhos também.

### **9ª Ocorreu envolvimento dos alunos e dos professores com o projeto?**

R<sub>1</sub>. Ocorreu. Ocorreu sim.

R<sub>2</sub> Teve interação sim entre os alunos e os professores. Sempre. Onde um estava sempre ajudando o outro para uma boa integridade do projeto.

R<sub>3</sub> Ocorreu sim, até porque certos trabalhos eram feitos coletivamente.

R<sub>4</sub> Ocorreu. A maioria concluiu o curso com poucas desistências. Fizemos a exposição final.

R<sub>5</sub> Ocorreu depois de um tempo. No inicio, entre nós, a comunicação entre os arte-educadores e os adolescentes estava difícil. Porque eram adolescentes que não tinham tanto conhecimento. Então, estavam ainda conhecendo a pintura. Tinham muitos que não gostavam de pintar; tinha outros que não gostavam de desenhar. Então, tudo isso se transformava numa grande barreira para muitos. Então, eles não se envolviam muito na aula e acabavam indo embora cedo. Depois de uns dois a três meses, aos poucos eles foram conhecendo e gostando do projeto. Ai que eles começaram a desenvolver o trabalho dentro do Campus das Artes.

R<sub>6</sub> Teve sim, né, entre os educadores e os alunos, né. A gente gostava de participar das aulas.

### **10ª Como foi a sua experiência com os colegas e os professores?**

R<sub>1</sub>. A experiência foi boa. Tanto que a gente conseguiu fazer um filme, né, pequeno. Tinha de ter uma experiência boa para fazer aquilo. Aquilo foi uma experiência boa.

R<sub>2</sub> Foi boa pois a gente se conheceu mais. Com os professores também. Nossa, nesse projeto Campus das Artes, foi um dos projetos onde a gente se conheceu mais. Houve uma grande integração mesmo.

R<sub>3</sub> Normal com conversas, brincadeiras, brigas e no final de tudo isso muitas amizades.

R<sub>4</sub> Foi muito boa. Aprendi bastante coisas. Então eu ainda utilizo os ensinamentos adquiridos como o mosaico, a pintura.

R<sub>5</sub> Para mim foi uma experiência muito boa, uma grande experiência porque com eles, eu pude desenvolver um grande; assim, para mim um grande trabalho porque tinha além da prática tinha muita teoria. Porque a gente trabalhava ao mesmo tempo em que estávamos esculpindo, modelando na argila, gravando em linóleo ou então pintando, a educadora passava informações para a gente; sempre com o livro podendo explicar as técnicas. Então foi uma grande experiência e com os colegas no início houve muitas brigas. Era muito difícil. Tinha muita bagunça né, como eu tinha dito, tinha muitos adolescentes ali que não estavam muito afim de trabalho, né. Às vezes estavam com outras intenções. E depois mais a frente do curso que começamos a se interessar e deu para prestar mais atenção na aula. Aí que deu mais para fazer um trabalho melhor, deu para se concentrar melhor.

R<sub>6</sub> Foi muito legal conhecer as pessoas que eu via passar e não conhecia a história direito. Aí, numa simples pintura a gente foi se descobrindo, tendo amizade. Os professores e os funcionários também.

### **11ª Você acha que o Campus das Artes contribuiu para a aquisição de conhecimentos?**

R<sub>1</sub> Contribuiu muito. Para quem queria e quer seguir na arte mesmo, que não é muito meu caso, para quem quer, contribuiu bastante e também para quem tinha outros interesses. A vivência foi muito boa. Cidadania que os monitores passavam para a gente; a convivência entre a gente mesmo.

R<sub>2</sub> Com certeza sim. Em questão de técnicas, da história da arte, foi muito abrangente; muita coisa mesmo.

R<sub>3</sub> Todo artista tem que se envolver com temas. Temas exigem pesquisas, seja bibliográfica de campo, etc.

R<sub>4</sub> Contribuiu.

R<sub>5</sub> Adquiri conhecimentos quando... Eu já tinha trabalhado como por exemplo a argila, a modelagem eu já tinha feito um antes no centro cultural mesmo mas eu fui aprimorando mesmo no Campus das Artes. Eu comecei a trabalhar com modelagem lá e conheci até um pouco mais sobre a técnica. E a gravura que foi a primeira vez que eu trabalhei com a gravura lá e também teve o grafite que foi muito legal; foi um trabalho muito bom.

R<sub>6</sub> Bastante. Eu não conhecia muito essa coisa de arte, né. Eu achava que qualquer um poderia fazer. Então, hoje eu tenho uma outra idéia de tudo isso graças ao Campus das Artes.

### **12ª O que deu certo e o que poderia ter sido melhor?**

R<sub>1</sub> Tudo o que a gente propôs a fazer no Campus das Artes deu certo, né. A exposição que a gente fez, o vídeo. Tudo deu certo. Acho que poderia ter sido melhor, acho que poderia ter sido mais extenso. Acabou o projeto e o Campus das Artes parece que acabou.

R<sub>2</sub> O que deu certo foi, digamos, esse conhecimento de interação entre aluno e professor, professor e aluno. E houve mesmo lá. Foi uma troca muito grande, muito bonita. Nossa, estava todo mundo, acho aberto a isso. Todo mundo se deu bastante por isso que foi, acho, um dos melhores que houve no Centro Cultural Vila Prudente. E o que poderia ter sido melhor é esse projeto ter sido ampliado. Aí teria sido a melhor coisa. E esse projeto poderia até sei lá, ser exemplo para outros projetos do Brasil ou do mundo mesmo. Porque esse projeto foi marcante.

R<sub>3</sub> Poderia ter sido melhor se no projeto existisse cursos profissionalizantes, pois o aluno sai muitas vezes e não sabe o que fazer.

R<sub>4</sub> Deu certo o mosaico, o documentário. Foi muito rápido a gravura, mais para ter uma idéia.

R<sub>5</sub> O que deu certo foi a conclusão do projeto com o vídeo que a cada vez que eu paro assim para ver e através dessas perguntas eu vejo que esse vídeo tem uma grande riqueza, né? Que ele foi muito bem concluído. Foi muito bom a conclusão desse vídeo. Porque ele fala de tudo. Parece que fala do curso. Fala a idéia é, do curso, né. Ajuda bastante para quem não conhece a favela; mostra bem o que ela é através da história dos moradores. O que infelizmente não deu certo, o que faltou foi que no ar ficou uma coisa de querer mais. Poderia ter dado uma continuidade no trabalho. Poderia ter dado uma segunda chance; um tempo mais para os jovens que só no final puderam conhecer o trabalho e como estavam a fim de continuar aquele trabalho e acabou.

R<sub>6</sub> Eu acho que para a juventude aqui da favela eu acho que deveria ter mais. O jovem precisa cada vez mais de conhecimentos e ele quer buscar lá fora e não tem condições. Então, você freqüentando o projeto vai adquirir muitos conhecimentos.

**13ª Quais foram as dificuldades encontradas durante as atividades do Campus das Artes e quais atividades que mais te envolveu?**

R<sub>1</sub> As dificuldades foram, principalmente a introdução do projeto; acostumar com a idéia do projeto. O que mais me envolveu, com certeza foi o vídeo e em segundo lugar a exposição que a gente fez.

R<sub>2</sub> Bom, dificuldades. Dificuldades a gente sempre tem mas, não essa coisa impossível, sempre a gente procurou resolver. Como eu falei, era uma equipe boa entre alunos e professores. Então, esse nome dificuldade não teve não. Agora, o que mais envolveu? Acho que tudo me envolveu. Nada ficou de fora. Tudo mesmo, seriamente.

R<sub>3</sub> Fiquei muito preso a temas escolhidos pelos professores. Me envolvi mais com o grafite. Gosto da forma de protesto, idéias lançadas nos muros para olhos observadores.

R<sub>4</sub> Não encontrei dificuldades. As atividades que mais me envolveram foi a pintura e o mosaico. O documentário foi mais por curiosidade, mais para saber como que era mesmo.

R<sub>5</sub> É no início do curso eu não tive empatia como uma das arte-educadoras. Só depois né o trabalho se desenvolveu, eu até conversei com ela. A gente conversou. Ela me puxou num canto e a gente conversou. Então, isso, a partir desse momento o trabalho melhorou, né.

Assim eu pude melhor desenvolver o trabalho. O documentário me envolveu bastante porque eu conheci mais ainda a favela. Eu tinha receio de passar em alguns becos; de passar em alguns trechos mesmo da favela. E isso fez com que a gente se soltasse um pouco mais. Não tivesse medo, né, conhecesse mais a favela. Então o vídeo foi maravilhoso e também tivemos a oportunidade de ir ao Instituto Tomie Ohtake e fazer um trabalho com várias técnicas das artes plásticas com outras Ongs participantes e foi um trabalho muito bom que a gente participou durante uns três meses, como se fosse um curso.

R<sub>6</sub> A atividade que me mais me envolveu foi a da argila, né. Eu não sabia muito mexer então eu ficava com medo de saber como que faz ou como não faz. Então quando eu comecei a saber que achei muito bom, né. Você modelar seu rosto; ar volume. Foi muito legal.



**14ª O que você sugeriria como mudança?**

R<sub>1</sub> Acho que a extensão do projeto.

R<sub>2</sub> Mudanças, humm. É... estender o projeto. Porque arte é o aprimoramento do intelecto, muito mais.

R<sub>3</sub> Deixar o aluno trabalhar mais aquilo que gosta.

R<sub>4</sub> Aprofundaria o documentário fazendo mais um, vários. E a gravura também, essas coisas.

R<sub>5</sub> Eu acho que teria de prolongar o curso para que pudesse desenvolver melhor cada técnica. Tivesse mais tempo para trabalhar pintura, mais tempo para trabalhar gravura porque foi um tempo muito curto para cada técnica. Então foi uma passagem muito rápida de cada uma para a gente conhecer, apesar de que também foi bom.

R<sub>6</sub> Mudanças? Sei lá... Experimentar outras coisas, né. Ah, vamos juntar tudo aquilo que a gente aprendeu, pintura como expressão corporal, sei lá uma coisa bem maluca.

**15ª Entre as atividades desenvolvidas no CCVP, quais as que mais te marcou ou qual foi a melhor atividade para você?**

R<sub>1</sub> Eu gostei bastante da dança, expressão corporal que a gente teve com a Mita. Nós apresentamos no SESC, no SESC Pompéia e em segundo lugar as artes plásticas.

R<sub>2</sub> O que mais me marcou foi a modelagem mesmo onde nós fizemos o nosso auto-retrato. Foi com a arte-educadora Raquel.

R<sub>3</sub> O que mais me marcou foi participar do vídeo Histórias da Vida Real, documentário que conta a trajetória das pessoas que migram para São Paulo.

R<sub>4</sub> As artes plásticas e o teatro.

R<sub>5</sub> Os primeiros meses que eu entrei no centro cultural, o Tarcísio já estava dando aula, né, e como eu estava naquela vontade de desenhar, de pintar a gente fazia um trabalho muito bom que era da colagem, de reciclar o material e lá eu pegava madeirinhas e colava uma sobre a outra e depois jogava tinta encima disso, então isso foi um marco na minha vida. É um momento muito legal de lembrar porque a gente ia lá, saia mesmo nos becos, ia até mesmo no lixo olhar as madeiras né, plástico, pegava papel; pegava um monte de coisa que a gente poderia tá reciclando naquele momento e montar uma tela. A gente fazia vários painéis.

R<sub>6</sub> A atividade que mais me marcou foi o projeto Campus das Artes. Me marcou muito a oficina de argila. Gostei muito da pintura na tela, que foi a primeira coisa que eu fiz. Eu nunca tinha ouvido falar em pintura na tela. Foi muito bom, muito gostoso.

**16ª Faça um comentário das diferentes linguagens aprendidas (pintura, desenho, mosaico, linóleogravura, fotografia, documentário, etc).**

R<sub>1</sub> Acho que foi bom pelo fato que antes eu estava acostumado a desenhar aqueles desenhos simples, tudo bem regrado; padrão assim. No Campus das Artes foi meio que livre, tinha uma idéia, uma ideologia para você fazer, mas cada um se expressava do jeito que queria. Tanto que, pra pintar um quadro você pintava do jeito que queria; fosse mais interessante para você. Tinha também fotografia, documentário, isso também foi bem diferente, não deixa de ser arte. Eu nunca tinha feito esse tipo de arte, digamos assim. Para mim foi muito diferente.

R<sub>2</sub> Tivemos xilogravura, mosaico, modelagem e um pouco de história da arte. Depois veio a arte moderna. Foram experiências novas, conhecimentos que foram adquiridos no Campus das Artes. Isso é importante para minha vida, né. Isso abrangeu mais a minha forma de ver a arte e de estar praticando também, abrir meus horizontes. O Campus das Artes foi isso.

R<sub>3</sub> Já tinha tido experiência com pinturas em paredes, camisetas. No centro cultural aprendi a expressar meus sentimentos jogando para tela ou em outro trabalho qualquer. Com relação ao desenho meu traço melhorou muito. E com o mosaico acredito que desenvolvi bem mas não tinha muita paciência. Achei a linóleogravura cansativa, acho que não identifiquei com ela. Com a fotografia não participei das aulas. Gostei muito do documentário por entrevistar pessoas do nosso cotidiano. São verdadeiros guerreiros com muitas experiências de vida.

R<sub>4</sub> Foi interessante aprender outras formas de se expressar. Acabei me adaptando mais a algumas.

R<sub>5</sub> O Campus das Artes foi um curso que se pudesse repetir muitas vezes, milhares de vezes seria maravilhoso, porque cada linguagem foi, acredito eu, foi bem aproveitado. As arte-educadoras passavam aquilo mesmo que enxergavam da comunidade: todo o ritmo, toda aquela euforia, né, então a gente passou tudo isso para a gravura, para a escultura, para a pintura. Os rostos, eles expressavam alegrias e tristezas; as gravuras elas colocavam as casas né, isso foi muito legal. Na pintura aquelas cores manchadas né, aquela desorganização das casas. Passavam tudo isso para cada técnica então, eu acho que cada técnica foi muito bem aproveitada.

R<sub>6</sub> A pintura assim, foi um trabalho que fui aprendendo, né. Fui descobrindo as cores; das misturas o que dá o amarelo com o verde. E o documentário, né, foi o primeiro trabalho que fiz com gravação. Eu achei maravilhoso. Eu nunca tinha trabalhado com gravação. Agora teve também um desenho que eu fiz de uma casa que eu chamei de Arte Favela, né. Então, essa Arte Favela veio na minha imaginação, aí eu falei: vou jogar a comunidade também, né, em arte. Foi isso. O documentário me marcou bastante porque a gente foi conhecendo histórias de pessoas que moram dentro da favela mas a gente não sabia dessas histórias. Poxa, deu um documentário bacana, de verdade.

### **17ª Como foi pesquisar a estética da favela durante o projeto Campus das Artes?**

R<sub>1</sub> Legal, porque acabei descobrindo um outro lugar onde eu moro. Eu enxerguei com outros olhos vendo uma beleza que não existia antes.

R<sub>2</sub> Foi algo muito revelador. A formação dos becos é uma coisa espetacular. Tudo no seu limite como se fosse um labirinto. Só as pessoas que moram aqui é quem sabe sobre suas saídas. A estética das casas revela que as pessoas não têm a preocupação com o belo ditado pela arquitetura tradicional. Pelo que eu vejo, as casas estão inclinadas para uma melhor adaptação do lugar onde estão que é um espaço mínimo. As casas são de dois vãos ou dois andares. Embaixo há sempre junto um banheiro, uma cozinha, sala geralmente sem divisórias. No terceiro andar fica os quartos dos habitantes. Na janela do segundo andar aproveitam quase sempre para colocarem os varais de roupa. Para aqueles que não tem condições de construir o terceiro andar. Isso vale para as casas construídas com madeiras ou material. No terceiro andar ainda colocam a lavanderia de roupa.

R<sub>3</sub> Me revelou muitas curiosidades. Desde a construção das casas às improvisações. Suas cores e os desafios de se viver em um lugar onde o espaço físico é limitador.

R<sub>4</sub> No começo foi meio estranho mas depois você querendo mais acabou ficando interessante: a arquitetura que é bem, tudo junto, tudo organizado mas para as outras pessoas é desorganizado. Me mostrou que ela tem uma organização também.

R<sub>5</sub> Foi bom que a gente viu a diferença de cada casa, o porquê de cada situação. Tinha alguns que tinha uma situação precária. Eram barracos mais amontoados, mais apertados, pequenos. Outros já tinham grandes casas, né. Já tinham uma situação melhor, mas também não deixa de ser morador da favela. Então a gente conheceu através de cada história que a gente via a

situação que cada um vivia na favela. E a gente via as paredes, umas de madeiras, umas casas quase caindo, umas casas bem erguidas.

R<sub>6</sub> Cara, foi muito bom. O pessoal ficava olhando a gente gravar e tal. A gente foi percebendo uma favela que parece que não via antes.

### **18ª O que representou o Campus das Artes na sua vida?**

R<sub>1</sub> Passei a ver o lugar onde eu moro como morador. Porque antes eu morava ali mas não sabia dos problemas. Mas nunca era ciente daquilo: caramba eu moro numa favela, mas antes eu não era despertado para esse assunto. Depois que eu vi o vídeo eu passei; eu comecei a pensar melhor como morador. Antes eu via mais de fora. Agora que vejo os problemas mais pela raiz: porque aquele cara tá naquele mundo; porque isso acontece e tal; por vários motivos. Ai eu comecei a enxergar melhor, isso, através do próprio documentário que a gente fez.

R<sub>2</sub> Mudanças. Mudanças boas.

R<sub>3</sub> Foi um ponto de ignição para enxergar uma nova realidade.

R<sub>4</sub> Para mim valeu como uma experiência boa. Até hoje sou grato a essa experiência. Me ajudou muito o desenho, a pintura e a minha forma de ver a favela.

R<sub>5</sub> Representou uma grande esperança de poder crescer naquilo que eu tenho vontade de desenvolver nas artes plásticas. É uma profissão de que desde criança eu tenho vontade de conhecer e de cada vez mais se aprofundar nesse assunto, mais nesse conhecimento que é a arte. Então para mim o projeto Campus das Artes me fez ver, me aproximou cada vez mais daquilo que eu tinha vontade de trabalhar e conhecer. Em um ano eu conheci muitas técnicas e aprendi muito sobre cada uma delas, né. Eu pude buscar, querer mais, batalhar por aquilo que eu tenho vontade de conseguir, de querer. Fortaleceu bastante para eu buscar meus objetivos. Infelizmente o morador da favela é difícil que tenha uma coisa que possa fazer com que ele tenha esperança de algo. Ele é muito excluído, infelizmente. É muito excluído o favelado. E graças a Deus, o Campus das Artes fez eu poder ter uma vontade de querer seguir, de querer batalhar por tudo que eu tenho vontade, assim relacionado à arte e a tudo então eu aprendi muito e a minha vida mudou muito a partir do Campus das Artes.

R<sub>6</sub> Ele representou muitas mudanças, né. Eu aprendi uma coisa: eu aprendi a experimentar um monte de coisas que você tem vontade, sabe. Mas você pode ter certeza que um dia uma delas vai dar um resultado.

**19ª O que mudou em você após participar do Projeto Campus das Artes?**

R<sub>1</sub> Acho que mudou essa visão mesmo. Mudou bastante. Um novo olhar, com certeza.

R<sub>2</sub> A minha auto-estima. Antes eu não acreditava muito. Eu acho que eu não acreditava muito em mim. Aí com o Campus das Artes houve essa questão: eu vou acordar. É: eu tenho direitos, eu tenho deveres. Então, vou buscá-los. É isso.

R<sub>3</sub> Aprendi a dar mais valor às coisas que tenho.

R<sub>4</sub> Valorizo mais a favela agora e mudou também minha forma de pensar sobre o que acontece dentro da favela, o que tem nela. Mudou minha forma de pensar.

R<sub>5</sub> Mudou na atitude de poder aceitar as diferenças entre as pessoas. Então eu acho que isso é um detalhe do que eu acredito que tenha mudado. De como estar se relacionando com as pessoas, né, de estar conversando, de como poder se relacionar com o grupo e no Campus das Artes eu vi que teve essa mudança de relacionamento, de busca.

R<sub>6</sub> Eu era muito bagunceiro, de verdade. Eu ficava muito dentro de casa pensando em que fazer, mas não tinha nada para fazer. Então o Campus das Artes me abriu uma grande porta para que eu pudesse desenvolver minha mente, né. Até hoje essa experiência fica aqui dentro de mim.

**20ª Qual a visão que você tinha da favela antes de participar do Campus das Artes?**

R<sub>1</sub> Para mim antes era um, ainda continua sendo um lugar né, entre aspas, como outro qualquer. Para mim não tinha diferença entre a favela e um outro lugar. Agora eu vejo que há diferenças sim, boas e ruins.

R<sub>2</sub> A visão de que a favela era um lugar que as pessoas não conseguiriam nada na vida. Que as pessoas estavam presas ao sistema e que não poderiam lutar e que com o Campus das Artes me acordei e vi uma coisa diferente: você pode sim lutar, não importa qual a situação que você esteja. Você pode buscar que você vai conseguir. O Campus das Artes deu esse toque. Esse toque bom. Reviveu.

R<sub>3</sub> Violência, tráfico e jovens sem um futuro, por outro lado pessoas trabalhadoras que não tiveram chance ou deixaram escapar e jovens com um futuro brilhante.

R<sub>4</sub> Eu tinha vergonha de morar na favela. Muitas pessoas não gostam das pessoas que moram numa favela porque elas não pagam impostos; essas coisas.

R<sub>5</sub> Eu andava de cabeça baixa, não olhava para as pessoas da favela. Eu não olhava nos rostos delas e, eu na verdade, infelizmente, estava negando né, a realidade que eu vivo né. Então uma coisa que me fez enxergar o Campus das Artes foi isso: olhar ao meu redor.

R<sub>6</sub> Era uma visão muito triste. A gente se olhava assim como se não tivesse mais jeito, né. Então, Deus trouxe vocês para que a gente pudesse olhar e ver que a gente tem condições de mudar.

### **21ª Qual a visão que você tem hoje da favela após o Projeto Campus das Artes?**

R<sub>1</sub> Um lugar comum que tem seus pontos positivos com certeza, mas que necessita de um pouco mais de atenção da sociedade mesmo. Um lugar que tem gente com potencial que muitas vezes é desperdiçado porque não tem um olhar mais atencioso para elas; mas é um lugar normal, mas menos favorecido.

R<sub>2</sub> Uma enorme visão. Hoje eu vejo uma favela como uma sociedade alternativa. As pessoas não estão lá porque querem estar. Elas foram levadas a estarem lá. Mesmo por falta de condições, elas lutam para saírem de lá. Muitos não conseguem, muitos se acomodam; se acostumam com aquilo lá. Mas lá tem muita gente que luta para sair de lá. Então, eu vejo a favela como um lugar onde tem pessoas lutadoras, pessoas heroínas mesmo, que mesmo no poço, lá no fundo do poço, ainda tem esperanças de uma vida melhor. Que lutam mesmo. É isso.

R<sub>3</sub> A mesma visão só que eu não tenho mais vergonha da favela.

R<sub>4</sub> Ah, hoje minha visão mudou porque eu valorizo mais a favela. Tem cultura, tem pessoas boas; tem tudo.

R<sub>5</sub> Hoje eu já olho no rosto das pessoas que moram na favela de Vila Prudente, eu já olho. E olho assim e paro para cumprimentar, converso. E hoje tenho mais prazer de parar e conversar com os moradores porque eu vejo que eles estão ali também da mesma forma que eu tento mudar correndo atrás dos meus objetivos, elas também estão procurando cada vez mais melhorar seu modo de viver, né. Por mais que você pode estar ali na maior violência e tudo, mas elas tem uma coisa simples: sempre estão felizes. Apesar de toda violência, são pessoas trabalhadoras, muito humildes. Tem pessoas na favela muito simpáticas.

R<sub>6</sub> Eu acho que é uma visão bem oposta. Eu vejo a favela hoje como possibilidade de mudanças e mais colorida também, né. Antes a gente só via o pedaço da madeira, né. Hoje a gente vê o pedaço da madeira mais colorido.

**22ª Você desenvolve hoje alguma atividade que contribuiu para o seu desenvolvimento artístico ou profissional ou em benefício da comunidade ?**

R<sub>1</sub> Eu voltei sábado para o coral.

R<sub>2</sub> Sim. Hoje eu estou cursando o terceiro semestre de artes plásticas graças à bolsa que recebi do CCVP. E a técnica do mosaico que eu aprendi no projeto Campus das Artes, eu e mais dois colegas, a gente passa como oficina no CCVP. E acho que é isso.

R<sub>3</sub> Tenho meu pequeno ateliê e por enquanto eu vivo disso.

R<sub>4</sub> O mosaico porque já começamos; estamos fazendo as fachadas de algumas casas.

R<sub>5</sub> Sim. Eu trabalho com o auto-retrato. Eu trabalho com a técnica do carvão e papel canson. Normalmente eu faço o retrato com a pessoa na minha frente entre uns quarenta minutos a uma hora. E essa técnica eu desenvolvi com a influência de um artista irlandês chamado Brian Maguire e ele fez um trabalho bonito no centro cultural e que eu fui uma das crianças na época que foi retratado por ele, né. E vendo a maneira como ele desenhava eu desenvolvi essa técnica. Então eu já fiz vários retratos que estão no centro cultural. Eu trabalho como arte-educador. Estou passando tudo aquilo que aprendi no CCVP. Hoje eu estou também dando aulas de mosaico com mais dois adolescentes: o Domeciano e o Carlos com uma turma de adolescentes. Essa técnica do mosaico eu aprendi no Campus das Artes.

R<sub>6</sub> O teatro. Teatro é cultura, né. Então, hoje a minha paixão é o teatro. Quando eu estou em casa, às vezes, quando estou livre; eu vou atrás das coisas: mexo com tinta, argila, pintura em tela e quando eu vejo um documentário eu paro para ver. E penso: aquilo vai me servir para alguma coisa.

**23ª Quais os seus planos para o futuro?**

R<sub>1</sub> Estudar, com certeza e poder um dia, quem sabe, passar os meus conhecimentos para o CCVP. Passar de aluno para professor.

R<sub>2</sub> Primeiro concluir a faculdade. Depois ser arte-educador e passar tudo que eu aprendi. Eu quero contribuir para o projeto. Quero que me aceitem lá e também ser um artista plástico. Não parar mais. Fazer um mestrado e buscar sempre conhecimentos. Tudo que eu aprender levar para o CCVP. Porque foi aqui que eu ganhei esse conhecimento. Quero dar esse presente para eles. Dar continuidade. Esse é o meu plano.

R<sub>3</sub> Quero ser um profissional melhor e trabalhar com a comunidade.

R<sub>4</sub> Fazer a faculdade e arranjar um emprego.

R<sub>5</sub> Eu pretendo, se Deus quiser, me formar em artes plásticas e continuar dar aulas no Centro Cultural Vila Prudente porque tudo que aprendi sobre artes, grande parte foi no centro cultural. Não só as artes plásticas mas também outros cursos que eu fiz lá. Eu pretendo um dia também mora fora da favela não me distanciando dela; não me desligando totalmente da favela porque como já me falaram, me disseram uma vez: a favela é minha raiz, né. Tudo tem uma raiz. E acredito que a minha raiz é a favela, assim né. Foi onde tudo começou para mim. Onde eu aprendi muito foi na favela. E tudo que eu sou hoje né, foi tudo dentro da favela que eu aprendi, que eu conheci. Então eu pretendo ter uma casa, uma situação melhor, uma casa legal e não me desligar da favela. Podendo assim continuar dando aulas no CCVP e dar aulas em outras escolas também.

R<sub>6</sub> Desejo ser um grande ator de teatro, assim. Batalho de verdade assim. Noites e noites eu peço a Deus: Deus toca no coração de alguém para eu ter uma oportunidade no teatro.

**24ª Feche os olhos... Pense numa imagem que representa o projeto Campus das Artes para você?**

R<sub>1</sub> Seria uma casa bem simples com um grupo de pessoas em frente.

R<sub>2</sub> Uma imagem de uma galinha que acolhe seus filhos debaixo de suas asas.

R<sub>3</sub> Crianças subindo e descendo escadas, pintando e brincando e todas estão alegres.

R<sub>4</sub> Uma semente.

R<sub>5</sub> Uma casa.

R<sub>6</sub> Um círculo.

**25ª Feche os olhos... Pense numa imagem que representa o Centro Cultural Vila Prudente para você?**

R<sub>1</sub> Um grupo de pessoas de mãos dadas.

R<sub>2</sub> Um livro aberto onde eu tiro muitos conhecimentos. Pode ser o livro da vida.

R<sub>3</sub> Um lugar cheio de sonhos.

R<sub>4</sub> Um coração.

R<sub>5</sub> Uma família.

R<sub>6</sub> Tintas.